

AS PASSIVAS DO PORTUGUÊS E DO INGLÊS:
UMA ANÁLISE FUNCIONAL

Yara DUARTE (Universidade de Brasília)

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss some current functional analyses of the passives, to point out their inadequacies and limitations, and to present an alternative account which finds support in Portuguese and English empirical data, in recent generative framework and in crosslinguistic evidences.

1. Introdução

Não são devido aos inúmeros problemas detectados nas análises formais para se obter uma caracterização universal essencialmente sintática das estruturas passivas, mas sobretudo pelo atrativo de descobrir a razão de ser de tais construções nas línguas naturais, os vários estudos que investigaram as funções das passivas buscaram determinar os fatores funcionais que regiam sua escolha e estabelecer uma tipologia translingüística das passivas.

O objetivo deste artigo é examinar algumas das propostas funcionais das passivas mais conhecidas na literatura, apontar suas inadequações e apresentar uma análise alternativa que encontra apoio nos dados empíricos do português e do inglês, em análises formais recentes e em evidências translingüísticas.

2. Análises Funcionais das Passivas

2.1. Halliday (1970-1976)

Provavelmente, uma das análises mais completas dos problemas de estrutura temática e sua relação com as passivas foi a de Halliday, com base nos estudos lingüísticos da Escola de Praga (Mathesius, 1928; Firbas, 1964; Danes, 1974).

Halliday viu na natureza da linguagem ligações estreitas com as funções que ela desempenha: a forma que o sistema gramatical de uma língua toma está intimamente relacionada aos propósitos a que serve. Sob esse enfoque, a unidade básica do uso lingüístico não é a palavra ou a sentença, mas o discurso ou texto, criado pelo falante ou escritor, ao fazer uso de um conjunto de opções disponíveis no componente textual e relevantes ao contexto. É nesse sentido que cada sentença se organiza como uma mensagem, cuja estrutura é, essencialmente, uma estrutura temática, na medida em que a predicação se faz em torno de um tema.

Segundo essa concepção, as sentenças podem ser divididas em duas partes distintas, o Tema e o Rema. O Tema, o elemento geralmente colocado em posição inicial, é o ponto de partida para a mensagem, e o Rema, o elemento que vem em seguida, é a mensagem propriamente dita. Como a posição inicial temática é quase sempre a posição do Sujeito que, por sua vez, desempenha frequentemente o papel de Agente, em geral, no inglês como também no português, Tema, Sujeito e Agente são idênticos:

- | | | |
|---------|-----------|------------------|
| (1) (i) | John | bought a book |
| | (ii) João | comprou um livro |
| | Sujeito/ | Predicado/ |
| | Agente / | Rema |
| | Tema | |

Segundo Halliday, a principal razão para a escolha da passiva está justamente nessa confluência ou coincidência de traços característicos do elemento em posição inicial. Ele viu nas passivas uma função dissociadora, pois, nesse tipo de sentença, o Agente é separado do Sujeito e do Tema, quer para ser colocado em posição remática ou de foco, no final da sentença, quer para ser totalmente suprimido. No primeiro caso, a passiva seria um meio de dar proeminência a esse elemento, como o foco da informação que, na forma ativa, tenderia a veicular a informação dada, e portanto não passível de proeminência.

Diferentemente de Firbas (1964), Halliday considerou que, mesmo na ordem marcada, o Tema é o elemento da perspectiva funcional da sentença que ocupa a primeira posição, já que nada tem a ver com informação dada ou menção prévia. Para Halliday, as noções de *dado* e *novo* distinguem itens referentes ao discurso, à situação ou à experiência anterior, considerados ou não pelo falante como disponíveis ou presentes na mente de seu interlocutor. Dois pontos foram enfatizados:

- (i) informação dada não diz respeito apenas ao conhecimento que é comum ao falante e seu ouvinte, mas também àquela que é recuperável no contexto linguístico ou extra-linguístico.
- (ii) informação nova, por outro lado, não se refere apenas à informação que não foi mencionada, mas, sobretudo, diz respeito à informação que o falante apresenta como não recuperável, a partir do discurso precedente.

Em suma, ao definir o Tema como base da comunicação, ou o elemento de menor dinamismo comunicativo, e o Rema, como elemento impulsionador da comunicação, ou de maior dinamismo comunicativo, Halliday explicou a escolha da passiva como um mecanismo capaz de inverter esses elementos, isto é, a passiva pode ser descrita como um processo de Tematização de um não-Agente, ou de Rematização do Agente.

Como veremos posteriormente, essa análise do papel funcional das passivas não encontra apoio nos dados empíricos do português e do inglês, nem tampouco nos dados de outras línguas analisadas, pois nenhuma das funções propostas pode ser considerada básica ou universal para caracterizar o processo em todas as línguas naturais.

2.2 Givón (1979)

Embora para os linguistas da escola de Praga e para Halliday, o Tema possa veicular também informação nova quando essa informação for menos comun

cativa, devido às suas características posicionais e pelo fato de veicular frequentemente a informação dada, os conceitos de Tema e Rema, muitas vezes, fundiram-se com as noções de dado e novo sob a etiqueta Tópico e Comentário. Lyons (1977) explicou essa confluência complexa de traços pela coincidência de pontos de partida, quando o ponto de partida cognitivo, o comunicativo e o gramatical são os mesmos.

Como em muitas línguas a categoria Tópico parecia coincidente com a do Sujeito, alguns estudos procuraram determinar tipologicamente o conceito de Tópico. Li e Thompson (1976) apontaram, entre as características distintivas do Tópico, o seu traço de definitude, sua seleção independente do verbo, sua independência sintática e seu papel funcional relacionado à estrutura do discurso: o Tópico estabelece o quadro de referência temporal, espacial ou individual, dentro do qual se faz a predicação. Os autores concluíram que há uma relação muito íntima entre o Sujeito e o Tópico e sugeriram que o Sujeito é um Tópico gramaticalizado, posição também adotada por Givón (1979).

O conceito de Tópico foi utilizado por Givón (1979) na sua definição funcional do processo da apassivação. Ele refutou a definição relacional, segundo a qual um Objeto é promovido a Sujeito (Perlmutter e Postal, 1977), pelo fato de que, em algumas línguas, o elemento promovido nem sempre se torna Sujeito, e pelo fato de que outros complementos podem ser diretamente apassiváveis. Contestou também a proposta de Keenan (1975), de que a apassivação envolve o rebaixamento do Agente da posição de Sujeito, porque essa definição obscurece a função principal das passivas, a Topicalização.

Givón caracterizou universalmente a apassivação como um processo pelo qual um não-Agente é promovido a Tópico. E, na medida em que uma língua possui propriedades codificadoras que identificam o tópico principal com o Sujeito, e os distinguem de Tópico, então essa promoção também envolve a subjetivação. Em geral, a função primordial das passivas é codificar sentenças no

contexto em que o não-Agente é mais tópico. Assim, pelo fato do Agente ser menos tópico, ele é removido ou rebaixado da posição inicial, que, em muitas línguas, coincide com a posição do Sujeito, para posições sintáticas menos tópicas, podendo inclusive ser inteiramente suprimido, se o seu grau de topicalidade for muito baixo.

Givón apresentou as seguintes evidências favoráveis à função de topicalização das passivas (Givón, 1979: 191 - 194):

- (i) em algumas línguas, o elemento promovido a Tópico não adquire as características de Sujeito:
- (2) Turco:
 Kandin - la kunus - ul - du
 "mulher-com" "falar" passiva - passado
 "Foi falado com a mulher"
- (ii) em algumas línguas é impossível a separação entre as regras de apassivação e de topicalização:
- (3) Indonésio:
 Buku itu saja - batja
 "livro" "o" "eu" "li"
 "O livro, eu li"
 "O livro foi lido por mim"
- (iii) em línguas nas quais o Agente é rebaixado ou suprimido, a apassivação só é possível enquanto existir algum argumento que possa ser promovido:
- (4) Ute:
- (a) Passiva - Objeto Direto:
 tɔpɔyɔci tɔɔabi - ta - xa
 "pedra" "atirar" passiva passado
- (b) Passiva - Objeto Oblíquo
 ti ka?napu - ?ubwan ?abi - ta - xa
 "mesa"- "sobre" "por" - passiva-passado
- (c) Passiva - Adverbial
 puka wuuka - ta - xa
 "muito" "trabalhar"- passiva - passado
- (d) * Passiva - sem Tópico

* wũka - ta - xa
 "trabalhar passiva passado

É importante notar que na tipologia proposta por Givõn estão incluídas sentenças que não apresentam morfologia verbal caracteristicamente passiva, como se pode observar no exemplo indonésio(3). Além disso, seu conceito de tópicos é muito amplo. Pode designar o elemento que ocupa a posição inicial, seja ele Sujeito ou tópico sentencial, ou outro elemento que não ocupe tal posição, como ilustram os exemplos abaixo de passivas impersonais do espanhol, nas quais os Objetos Dativo e Acusativo, respectivamente, são analisados como tópicos principais:

- (5) Se dió a Juan un libro
 (6) Se dió un libro a Juan

Na verdade, os dados empíricos do inglês e do português, bem como os de outras línguas examinadas, apresentam evidências que contrariam a proposta de Topicalização como função básica das passivas, o que equivale a dizer que ela não é universal.

2.3 Foley e Valin (1984)

Foley e Valin optaram por duas macro - categorias semânticas, Ator e não Ator (Actor e Undergoer), para simplificar a caracterização das passivas, definidas, respectivamente, como participante iniciador e controlador, e participante afetado. Eles observaram que, na verdade, a passiva não pode ser definida como uma construção na qual um Paciente se torna Sujeito e o Agente é rebaixado, já que os argumentos dos verbos apassiváveis podem apresentar outras funções temáticas, como ilustram os exemplos abaixo:

- (7) (i) *Maria* foi premiada pela *professora*
 (Beneficiário-Agente)
 (ii) O *alvo* foi atingido pela *flecha*
 (Meta-Instrumento)

- (iii) Aquele *telegrama* foi recebido por *Maria*
(Tema-Recipiente)
- (iv) A *mata* foi destruída pelo *fogo*
(Locativo-Origem)

Segundo Foley e Valin, as passivas podem ser divididas em dois tipos principais, de acordo com sua função: (i) as passivas de obliteração ou defocalização, cuja função é suprimir o argumento Ator, ou torná-lo um constituinte periférico; (ii) as passivas de antecipação ou de focalização, cuja função é permitir que um argumento não Ator ocorra como argumento central da oração, chamado Pivô. Embora essas funções sejam logicamente independentes, elas se encontram comumente associadas nas línguas, o que resulta a seguinte tipologia:

(tipo 1): as passivas de obliteração do argumento Ator, nas quais o argumento Ator é suprimido, sem qualquer outra modificação:

- (8) Ulcha (Manchu-Tangus)

Ti dūse - we hōn - da ta - wuri
"aquele""tigre"-acus. "como"-interrogação"fa
zer" - passiva
"O que deve ser feito com aquele tigre?"

(tipo 2): as passivas de obliteração do argumento Ator, com a conseqüente antecipação de um argumento não Ator:

- (9) Chichewa (Bantu):

Mwana wanga wapandi - ka
"criança""minha" "bater" - passiva medi
al
"Minha criança foi espancada"

(tipo 3): as passivas de antecipação do argumento não Ator com a conseqüente obliteração do argumento Ator:

(10) Inglês:

The woman was hit
 "A mulher foi espancada"

(tipo 4): as passivas de antecipação do argumento não Ator, nas quais o argumento Ator permanece como argumento central:

(11) Lango (Nilo-Saara)

Dākō ò - jwāt-ò lōcā
 "mulher" 3p.sg. Ator-"bater"-3p.sg. -não A
 tor "homem"

Lōcā dākō ò - jwāt - ò
 "homem" "mulher" 3p. sg. Ator - "bater"-3p.
 sg. não Ator
 "O homem, a mulher espancou"/"O homem foi
 espancado pela mulher".

A análise de Foley e Valin, porém, apresenta problemas. Em primeiro lugar, fica difícil distinguir o argumento não Ator em sentenças como o do exemplo abaixo, em que há dois argumentos afetados, mas apenas um pode ser promovido:

- (12) (i) Mary gave John a child
 (ii) John was given a child
 (iii) *A child was given John

Além disso, ele ilustrou sua tipologia com exemplos de sentenças passivas bastante discutíveis, como é o caso de (11). Por outro lado, as construções médio-passivas do alemão e do espanhol foram classificadas no tipo 1, ou seja, sentenças nas quais o Ator é totalmente suprimido. Ora, nas construções médiais das línguas românicas, o Ator não é suprimido, mas sim recodificado por meio do clítico pronominal. Finalmente, as duas funções propostas não são igualmente básicas, pois os dados empíricos do inglês e do português, bem como os de outras línguas, não apóiam a função de

Antecipação como função universal.

3. Uma Proposta Alternativa

3.1 A função básica das passivas no português e no inglês.

Na verdade, todas as propostas examinadas são inadequadas para caracterizar funcionalmente as passivas do português e do inglês, uma vez que há evidências que contrariam as funções propostas como básicas, ou seja, válidas para ambas as línguas.

Assim, são encontradas passivas no português e no inglês para as quais a função de Tematização/Topicalização/ Antecipação seria vácuca, isto é, imotivada, já que nenhum argumento foi tematizado, topicalizado ou antecípado, como se comprova pela posição inicial vazia, no português, ou ocupada por um pronome expletivo ou pleonástico sem conteúdo lexical, no inglês:

- (13) (i) Foi descoberta a cura do câncer
 (ii) There was discovered the cure for cancer.

Se considerarmos então as passivas pronominais do português, o problema fica ainda mais sério, porque todas elas apresentam a posição de Sujeito superficialmente vazia, evidenciando claramente que a função postulada é incapaz de caracterizá-las:

- (14) (i) Vendem-se carros
 (ii) Consertam-se relógios.

Por outro lado, a função de Rematização fica também prejudicada na medida em que, mesmo no português e no inglês, línguas em que a supressão do Agente não é obrigatória, encontramos inúmeros exemplos de passivas analíticas nas quais o Agente não foi rematizado, mas omitido:

- (15) (i) Paulo foi ferido no acidente.

(ii) Paul was hurt in the accident.

Além disso, nas construções médio-passivas, o Agente nunca é colocado em posição de foco sentencial, a posição final, mas sim recodificado por meio do clítico que se une ao verbo.

Como não há possibilidade de se caracterizar todas as passivas do português e do inglês por meio das funções mencionadas, nesta proposta alternativa vamos postular que a função básica das passivas nas duas línguas examinadas está diretamente ligada ao processo de destituição, defocalização ou obliteração do Agente, que passaremos a designar como a função de Detematização do Agente.

Em primeiro lugar, devemos esclarecer que, nesta análise, AGENTE e PACIENTE designam macro-categorias semânticas que englobam, respectivamente, os vários papéis temáticos apresentados pelos dois argumentos obrigatórios das passivas, conforme exemplificado em (7). A utilização de tais macro-categorias objetiva uma análise funcional mais adequada descritivamente, e também mais simplificada do processo examinado. A nossa preferência pelas designações AGENTE/PACIENTE deve-se não só ao fato de que tais categorias vêm sendo tradicionalmente utilizadas por gramáticos e linguistas nas descrições das passivas, mas sobretudo porque, embora vários papéis temáticos possam ser atribuídos ao Sujeito derivado das passivas, ele jamais poderá exibir o de Agente, que nunca é atribuído ao argumento interno sub-categorizado pelo verbo transitivo.

Quanto ao termo detematizar, conquanto ambíguo, foi propositalmente escolhido, não só pelo fato de englobar fenômenos distintos relacionados ao processo de passivação, como a omissão do Sujeito/AGENTE, ou a sua recodificação por meio de um sintagma preposicional ou do clítico pronominal, mas também porque nos permite definir a propriedade formal universal das estruturas passivas, como veremos posteriormente.

Finalmente, vamos considerar que toda sentença po

de ser dividida em duas unidades lingüísticas, Tema (opcional) e Rema (obrigatória), definidas respectivamente, como as unidades de menor e maior grau de dinamismo comunicativo da sentença, a unidade textual mínima. O processo de apassivação é motivado quer para omitir um Sujeito/AGENTE que deixou de ser temático, quer para colocar o AGENTE não temático em posição remática, a posição de foco sentencial (Jackendoff, 1972; Guéron, 1980).

3.2 Análise Quantitativa de Textos

Vários estudos quantitativos das passivas têm mostrado que a consequência principal da detematização, proposta como função universal das passivas, envolve freqüentemente a omissão ou supressão do Sujeito/AGENTE, mesmo em línguas, como o português e o inglês, nas quais o AGENTE não tem que ser obrigatoriamente suprimido.

Jespersen (1924), por exemplo, mencionou que as investigações estatísticas feitas por seus alunos mostram que mais de 70% das sentenças passivas encontradas em vários textos de literatura inglesa não incluem o Agente. Svartvik (1966) contou 2696 ocorrências do que denominou passivas agentivas, em diferentes textos científicos e romances do inglês, das quais 80% eram sentenças que não mencionavam o Agente. Dusková (1971) estudou um corpus de 5000 formas verbais finitas, meta das quais encontradas em textos científicos. Entre as 598 passivas encontradas mais de 80% ocorreram sem a expressão do Agente. Em estudos mais recentes, Stein (1979) e Givón (1979) analisaram as passivas em textos escritos do inglês e seus resultados confirmaram as pesquisas anteriores: mais de 80% das passivas encontradas não codificavam o Agente.

Por não termos conhecimento de qualquer estudo quantitativo das passivas em textos do português, e com o objetivo de corroborar a hipótese de que a função primordial das passivas, no português e no inglês, é a detematização, principalmente por meio da omissão do AGENTE, optamos por uma contagem de passivas em dife

rentes tipos de textos escritos, do português e do inglês, dado que essas construções, no inglês, se apresentam com maior frequência na linguagem escrita do que na fala espontânea (Bever, 1970; Benett, 1977).

Com base em metodologia proposta por Krzeszowski (1981), o corpus escrito examinado em cada uma das línguas compreendeu quatro textos científicos, quatro textos jornalísticos e uma peça de teatro, de acordo com as nossas expectativas de que, independentemente do tipo de texto (informativo ou literário), ou do registro (mais ou menos formal), as sentenças passivas encontradas deveriam ser majoritariamente construções nas quais o AGENTE detematizado não era mencionado, mas sim omitido.

Nos textos examinados, foram computadas, em primeiro lugar, todas as ocorrências de formas verbais finitas (FF), ativas (Atv.), passivas mediais (Med.) e passivas analíticas (Pas.), no português, e ativas e passivas, no inglês, para estabelecermos o universo em que as passivas foram encontradas. Em seguida, foram computadas as passivas com AGENTE (c/A) e as passivas sem AGENTE (s/A) nos textos do português e do inglês. Os resultados estão reproduzidos nas tabelas abaixo, onde Científico = C, Jornalismo = J e Teatro = T:

(16) Tabela I : Português

TEXTOS	C	%	J	%	T	%	TOTAL	%
ATIV.	843	79	494	82	2252	99	3589	91
MED	83	7,8	69	11,5	19	0,8	171	4,3
PAS	140	13,2	39	6,5	4	0,2	183	4,7
TOTAL FF	1066	100	602	100	2275	100	3943	100
%		27		15,3		57,7		100

(17) Tabela II : Inglês

TEXTOS	C	%	J	%	T	%	TOTAL	%
ATIV	775	74	563	93	1149	99	2547	88,3
PAS.	273	26	54	7	10	1	337	11,7
TOTAL FF	1048	100	677	100	1159	100	2884	100
%		36,5		23,5		40		100

(18) Tabela III: Português

TEXTOS	C	%	J	%	T	%	TOTAL	%
PAS. C/A	21	15	8	20,5	0	-	29	15,9
PAS. S/A	119	85	31	79,5	4	100	154	84,1
TOTAL	140	100	39	100	4	100	183	100
%		76,5		21,3		2,2		100

(19) Tabela IV: Inglês

TEXTOS	C	%	J	%	T	%	TOTAL	%
PAS. C/A	45	16,5	15	27,8	1	10	61	18,1
PAS. S/A	228	83,5	39	72,2	9	90	276	81,9
TOTAL	273	100	54	100	10	100	337	100
%		81		16		3		100

(20) Tabela V: Português / Inglês

LÍNGUAS	P	%	I	%	T	%
PAS C/A	29	15,8	61	18,1	90	17,3
PAS S/A	154	84,2	276	81,9	430	82,7
TOTAL	183	100	337	100	520	100
%		35,2		64,8		100

Os resultados evidenciam que, mesmo no português e no inglês, línguas nas quais a supressão do AGENTE não é obrigatória, na maioria das passivas encontradas o AGENTE não era codificado, ou seja, 82,7% das sentenças passivas eram construções sem AGENTE codificado. Os resultados revelaram também que a proporção de passivas sem AGENTE é ainda maior no português, nos textos científicos e jornalísticos, do que no inglês (85% - 79,5 % contra 83,5% - 72,2%, respectivamente) (1).

Os resultados obtidos também corroboram duas outras características gerais das passivas, já atestadas em pesquisas (Givón, 1979; Svartvik, 1966; Turner, 1962). A primeira delas é que as passivas são muito menos frequentes nos textos de ambas as línguas do que as ativas. A segunda é que elas são mais frequentes nos textos científicos do que em qualquer outro gênero escrito. Não obstante a variação de ocorrência de acordo com o tipo de texto examinado, é importante salientar que, em todos

os textos, independentemente de seus registros, as construções passivas encontradas foram majoritariamente sentenças sem AGENTE expresso.

Por outro lado, a segunda função mais importante das passivas, nos textos examinados, é a de tematização do PACIENTE, dado que poucas foram as sentenças passivas encontradas que ou apresentavam a posição inicial vazia ou com pronome expletivo. Os resultados estão reprodzidos nas tabelas abaixo, onde Passivas com Sujeito Lexical = Pas S.L., e Passivas com Sujeito Pleonástico = Pas. S.P. (2)

(21) Tabela VI: Português

TEXTOS	C	%	J	%	T	%	TOTAL	%
PAS S.L.	127	90,7	33	84,6	4	100	164	89,6
PAS S.P.	13	9,3	6	15,4	0	-	19	10,4
TOTAL PAS	140	100	39	100	4	100	183	100
%		76,5		21,3		2,2		100

(22) Tabela VII : Inglês

TEXTOS	C	%	J	%	T	%	TOTAL	%
PAS S.L.	271	99,3	54	100	10	100	335	94,4
PAS S.P.	2	0,7	0	-	0	-	2	0,6
TOTAL PAS	273	100	54	100	10	100	337	100
%		81		16		3		100

(23) Tabela VIII : Português/Inglês

LÍNGUAS	P	%	I	%	TOTAL	%
PAS S.L.	164	98,6	335	99,4	499	96
PAS S.P.	19	10,3	2	0,6	21	4
TOTAL PAS	183	100	337	100	520	100
%		35,2		64,8		100

Deve ser notado ainda que os dados obtidos revelam que, muito embora haja duas construções passivas analíticas, supostamente equivalentes, uma no português e outra no inglês, elas não são usadas com a mesma

quência, nos diferentes textos escritos das respectivas línguas, pois as passivas analíticas ocorreram em número muito maior nos textos do inglês, na verdade, mais do que o dobro de vezes do que nos textos do português. Assim, enquanto nos textos do português, para cada passiva são encontradas quase vinte ativas, no inglês, para cada passiva são computadas apenas sete ativas:

(24) Tabela IX: Português/Inglês

LÍNGUAS	PORTUGUÊS	INGLÊS
Proporção Ativ./pas	19,6 / 1	7,5 / 1
Proporção Ativas/mediais	20,9 / 1	-

A proporção total encontrada, que evidencia um uso de passivas analíticas, nos textos do inglês, mais do que duas vezes maior do que nos textos do português, obscurece, porém, um dado importante. É que a diferença no uso de passivas entre as duas línguas mostrou-se significativamente maior, no inglês, apenas nos textos científicos e nas peças de teatro, observando-se ainda que nelas o uso de passivas foi insignificante. Nos textos jornalísticos, os resultados obtidos estão bastante próximos, embora o inglês continue apresentando uma proporção maior de uso.

(25) Tabela X: Português/Inglês

TEXTOS	CIENTÍFICOS		JORNALÍSTICOS		TEATRO	
	P	I	P	I	P	I
PROPORÇÃO ATIV./PAS	6/1	2,8/1	12,6/1	11,5/1	563/1	114/1
PROPORÇÃO ATIV./MED	10/1	-	7,1/1	-	118/1	-
PROPORÇÃO PAS/MED	1,6/1	-	-	-	-	-
PROPORÇÃO MED/PAS	-	-	1,7/1	-	4,7/1	-

Como se pode constatar, enquanto nos textos científicos ocorrem quase três ativas para cada passiva, o número dobra no português, onde são encontradas seis

ativas para cada passiva. Nos textos jornalísticos do inglês, porém, as ocorrências de passivas diminuem de tal modo que sua proporção de ocorrências quase se iguala à do português.

Deve ser observado ainda que, em relação ao uso das construções mediais, os resultados obtidos mostram uma variação na ocorrência dessas estruturas, dependente do tipo de texto examinado, que é inversamente proporcional ao uso das passivas. Enquanto as passivas diminuem dos textos científicos para os jornalísticos, e desses para as peças de teatro, as construções mediais aumentam, ou seja, nos textos científicos são encontradas quase duas passivas para cada construção medial, e nos textos jornalísticos, acontece o oposto, quase duas construções mediais para cada passiva.

Uma possível explicação para o fato de que as construções mediais são encontradas com maior frequência nos textos jornalísticos do que nos textos científicos pode ser dada com base no grau de indeterminação do AGENTE conferido às passivas analíticas: ele é muito maior nas passivas sem AGENTE do que nas construções mediais. Assim, nos artigos de jornais e revistas, em que a agentividade é de especial relevância, constata-se um pequeno número de passivas analíticas, com o mais baixo grau de agentividade, evidenciado pela supressão do AGENTE, e uma proporção maior de estruturas com AGENTE, reunidas aqui não são as passivas analíticas com AGENTE expresso, como também as construções mediais.

Por outro lado, em contraste com as sentenças ativas, nas construções mediais, o pronome *SE* apresenta um grau menor de topicalidade conferido ao AGENTE, mas não tão baixo quanto o conferido às passivas analíticas sem AGENTE. O menor grau de topicalidade é corroborado não só pelo fato de que o AGENTE tem referência indeterminada, ou seja, ele é apenas parcialmente identificado, como também pela perda da posição inicial.

Se considerarmos que as construções mediais constituem, no português, além das passivas, o mecanismo detematizador mais semelhante às passivas analíticas,

quer sob o aspecto de suas propriedades estruturais , que sob o aspecto de suas propriedades funcionais (Duarte, 1987), veremos que, na verdade, a ocorrência de estruturas detematizadoras é maior nos textos escritos do português (354) do que nos do inglês(337). Caso essa particularidade seja confirmada em pesquisas futuras, ela certamente merece uma investigação mais aprofundada .

3.3 A Função de Detematização e as Evidências Translingüísticas.

Como vimos, há várias evidências no português e no inglês contrárias à função de Tematização/Topicalização/Antecipação, proposta como função básica das passivas. Contudo, as evidências mais contundentes contra tal função são de natureza translingüística.

Em primeiro lugar, existem línguas que apresentam morfologia verbal passiva com verbos intransitivos, predicados que exibem apenas um argumento, o argumento externo. Nesse caso seria impossível postularmos como função básica do processo a topicalização ou tematização de qualquer argumento interno, dado que ele não existe. Os exemplos são do latim e do holandês (Keenan, 1975) , do alemão (Comrie, 1977) e do galês (Perlmutter e Postal, 1984):

(26) (i) Latim:

Curritur
"correr" - passiva - passado
"Foi corrido"

(ii) Holandês:

Er	wort	door
pro. expl.	aux.	passiva prep.
de jongens		gefloten
"os meninos"		"assobiar - part.
" Foi assobiado pelos meninos"		

(iii) Alemão:

Es	wurde	gestern
pro	expl. aux. passiva	" ontem"

von uns getanzt
 prep. pro. "dançar" - part.
 "Foi dançado ontem por nós"

(iv) Galês:

Dannswyd gan y plant
 "dançar"-part.prep. "as crianças"
 " Foi dançado pelas crianças".

Uma segunda evidência contrária à função de Topicalização/Tematização/Antecipação como função básica das passivas envolve as estruturas nas quais nenhum elemento é promovido, ou seja, a posição de Tópico ou de Tema se encontra vazia de conteúdo lexical. Os exemplos abaixo são do português e do inglês (Duarte, 1987), do chamorro (Shibatani, 1985), do alemão (Comrie, 1977) e do italiano (Jaeggli, 1986):

(27) (i) Português:

" Foi encontrado um jacaré na piscina"

(ii) Inglês:

"There was held a banquet"

" Foi realizado um banquete"

(iii) Chamorro:

Man - ma - lalatde i famagu'on
 Pl. -passiva -"admoestar""as crianças"
 gi eskuela
 "na escola"
 "Foram admoestadas as crianças na escola"

(iv) Alemão:

Es wurde dem Schüler
 pro. expl.aux.passiva art."aluno"
 von Lehrer geholfen
 prep."professor" "ajudar" - part.
 "Foi ajudado o aluno pelo professor".

(v) Italiano:

Ne furono riconosciuti molti

"Foram reconhecidos muitos deles".

Uma terceira evidência translingüística contrária à função de Tematização/Topicalização nos é oferecida pelas passivas mediais. Caracterizam-se pela morfologia verbal ativa na terceira pessoa, à qual se une o clítico pronominal reflexivo, resultante da reanálise diacrônica da ativa reflexiva, considerada como equivalente pragmática das passivas analíticas. Os exemplos abaixo são do português (Duarte, 1987), do espanhol (Givón, 1979) e do italiano (Belletti, 1982):

(28) (i) Português:

Vendem-se casas

(ii) Espanhol:

Se curó a los brujos

"Curaram-se os bruxos"

(iii) Italiano:

Si dicono cose impensabili da parte di tutti ultimamente

"Dizem-se coisas impensáveis por todos ultimamente".

Por outro lado, há evidências de que também a função de Rematização não deve ser proposta como função básica das passivas, uma vez que existem línguas nas quais o Agente jamais se manifesta sintaticamente realizado, mas é obrigatoriamente suprimido. Comrie (1977) notou que o Agente não é permitido nos estilos tradicionais do persa, no árabe clássico e no lativiano. Siewierska (1984) listou inúmeras línguas cujas passivas são estruturas sem Agente expresso, entre as quais citamos o urdo, o aramaico, o lativiano, o árabe clássico, o figiano, o cupenho, o cora, o huichol, o shoshoni, o pepecano, o igbo, o tera, etc. Os exemplos abaixo são do turco e do mojave (Keenan, 1975), do finlandês (Comrie, 1977), do nanai e do ulcha (Nichols, 1979), e do chamorro (Topping, 1979):

- (29) (i) Turco:
 Kandin - la kunus - ul - du
 "Mulher com""falar" passiva -passado
 "Foi falado com a mulher"
- (ii) Mojave:
 Injep ny - tapuy - c - m
 pro. -acus.lp.sg.-"matar"-passiva - pas
 sado
 " Eu fui morto "
- (iii) Finlandês:
 Hän et jätettin kottin
 pro - acus. "deixar" passiva-passado
 "Foi deixado em casa".
- (iv) Nanai:
 Ej dansa -- wa tej erincie
 "este""livro" - acus. "este""tempo"obl.
 xela - o - xar
 "ler" - passiva - passado
 "Este livro já tinha sido lido naquela
 época".
- (v) Ulcha:
 Ti duse - we hōn - da
 "este" "tigre" - acus. "que"interrog.
 ta - wuri
 "fazer" - passiva
 "O que deve ser feito com este tigre?"
- (vi) Chamorro:
 Man- ma - lalatde i famagu'on
 pl.-passiva- "admoestar""as crianças"
 gi eskuela
 "na escola"
 "Foram admoestadas as crianças na esco
 la".

Na verdade, há inúmeras línguas em que o argumen
 to AGENTE pode ser opcionalmente recodificado nas pas
 sivas, como acontece, por exemplo, nas passivas do por

tuguês e do inglês. Por outro lado, os estudos de Khrakovsky (1973), Warburton (1975) e Haiman (1976) atestam a existência de línguas nas quais são encontradas apenas as passivas curtas sem AGENTE expresse, mas nenhuma língua que apresente apenas as passivas longas com AGENTE.

Se, por um lado, as funções de Topicalização/ Tematização e de Rematização são problemáticas como função básica das passivas, já que, em todos os exemplos acima mencionados elas teriam aplicação vãua, por serem imotivadas, as evidências translingüísticas corroboram a nossa hipótese de que a função primordial e universal das passivas é a de Detematização do Sujeito/AGENTE. É em consequência da detematização que as duas outras funções das passivas são decorrentes, e, portanto, secundárias: a de focalização do argumento externo detematizado, função remática, e a de antecipação do argumento interno, função temática.

3.4. A Propriedade Estrutural Universal das Passivas: Evidências Formais.

Chomsky (1981) observou que a categoria comumente designada por passiva poderia não constituir uma classe natural, quer em uma única língua, quer em várias línguas, já que essa noção não parece estar ligada a um único fenômeno e já que o significado passivo tanto pode ser encontrado onde existe a morfologia passiva como onde ela não existe. Embora reconhecesse a supressão do Sujeito como função característica das várias construções categorizadas como passivas, ele viu apenas uma relação fraca entre o papel funcional do processo e suas propriedades formais.

Isto porque, seguindo Burzio (1981), Chomsky propôs uma caracterização formal das passivas por meio de duas propriedades estruturais: (i) o verbo transitivo não atribui Caso a seu Objeto; (ii) a posição de Sujeito é detematizada. Assim, uma sentença como (30) abaixo seria derivada da estrutura - P em (31):

(30) João foi morto.

- (31) [—] foi morto João
SN

Supondo-se que o particípio passivo foi neutralizado pela morfologia passiva e não mais possa atribuir Caso a seu Objeto, o SN João precisa se deslocar para receber Caso em outra posição, qual seja, a posição vazia de Sujeito, não temática. Nessa posição, recebe o Nominativo.

Embora Chomsky tivesse considerado a absorção de Caso a propriedade formal nuclear das passivas, vários estudos recentes têm demonstrado que ela não é universal, porque não encontra apoio nos dados empíricos de várias línguas. Duas previsões, pelo menos, seriam de correntes da propriedade de absorção de Caso: (i) somente verbos transitivos participam de construções passivas, porque somente verbos transitivos atribuem Acusativo; (ii) nenhum particípio passivo atribui Caso Acusativo. Ora, tais previsões, embora válidas para o português e o inglês, não são confirmadas em outras línguas.

Como já foi mencionado, há diversas línguas que passivizam verbos intransitivos, como o latim, o alemão, o holandês, e o galês (cf.13). Por outro lado, são encontradas passivas nas quais o particípio passivo não foi neutralizado, ou seja, atribui Caso Acusativo a seu objeto. Os exemplos são do russo ucraniano (Sobin, 1985) e do hebraico coloquial (Borer, 1986):

- (32) (i) Russo Ucraniano:

Bulo zbudovano
"ser"-pas.neutro "construir"-part.neut.
cerkvu
"igreja"-acus. fem.
"Foi construída uma igreja"

- (ii) Hebraico:

Haya katuv 'et ha - yedi'a
"foi escrito"-masc. acus. "mensagem-fem.
ha zot ba-'iton
"a" -"esta" - fem "no papel"
" Foi escrita esta mensagem no papel."

Por outro lado, as conseqüências diretas da propriedade de absorção de Caso Acusativo ao SN pós-verbal são ou o seu deslocamento obrigatório para a posição de Sujeito para receber Nominativo, ou uma atribuição de Caso indireta, por co-indexação a um pronome expletivo na posição de Sujeito:

- (33) (i) John_i was killed t_i
 [Nominativo]
 (ii) There_i was held a banquet.
 [Nominativo]

Contudo, os dados empíricos não apoiam tais postulações. Assim, por exemplo, as passivas do russo e do hebraico, já ilustradas em (32), mostram exatamente o oposto. Em primeiro lugar, o SN pós-verbal não se deslocou para receber Caso na posição de Sujeito. Em segundo lugar, nunca poderia haver transmissão de Caso Nominativo, via expletivo na posição de Sujeito, porque, o SN seria marcado por dois Casos diferentes, o Acusativo, dado pelo verbo, e o Nominativo, dado por co-indexação com o expletivo.

Duarte (1987) apresentou exemplos de construções passivas e mediais, encontradas no português falado informal do Brasil, nas quais o SN pós-verbal não manifesta a concordância, uma indicação clara de que não recebeu Nominativo:

- (34) (i) É proibido a entrada de pessoas estranhas.
 (ii) Vende-se casas.

Essas estruturas apresentam um problema para a teoria, já que no português contemporâneo do Brasil há uma tendência acentuada à não concordância quando o SN permanece em posição pós-verbal, o chamado Sujeito posto nas gramáticas. Nos exemplos acima, ou teríamos que considerar todas as estruturas desse tipo agramaticais, pelo fato de o SN não ter recebido Caso Nominativo.

vo, seja por deslocamento, seja via expletivo, ou em tão admitir que o particípio passivo nem sempre é neutralizado e pode atribuir Caso, seja ele estrutural ou inerente.

Na verdade, a hipótese de que a absorção de Caso é responsável pela natureza intransitiva das passivas é problemática mesmo no inglês, com as passivas de verbos bitransitivos.

- (35) (i) John was given a book
 (ii) * A book was given John

No exemplo acima, se considerássemos o particípio passivo uma categoria neutralizada, o SN *a book* não receberia marcação casual, o que tornaria (35i) agramatical. Nesses contextos, Chomsky (1981) postulou uma atribuição de Caso inerente ao SN pós-verbal. O Caso inerente, porém, é dado em função das propriedades temáticas do SN, e, no inglês, só o Tema de um verbo bitransitivo pode receber caso inerente, como se depreende pela agramaticalidade de (35ii). Essa explicação, porém, não é válida para todas as línguas.

Siewierska (1984), por exemplo, apresentou estruturas semelhantes, de línguas escandinavas e do kinyarwanda, que atestam a possibilidade de o particípio atribuir não só um Caso inerente, dependente da seleção temática, mas também um Caso estrutural, como demonstram os exemplos abaixo:

- (36) (i) Ibaruwa yohererejwe Maria
 "carta" "enviar"-passiva "Maria"
 na Yohani
 " por João "
 " A carta foi enviada (ã) Maria por
 João
- (ii) Maria yohererejwe ibaruwa
 "Maria" "enviar"-passiva "carta"
 na Yohani
 "por João"

"(A) Maria foi enviada a carta por João"

(37) (i) Jens ble gitt en bok

"(A) João foi dado um livro"

(ii) En bok ble gitt Jens

"Um livro foi dado a João"

A gramaticalidade das sentenças acima sugere que os os SNs pós-verbais receberam um Caso estrutural em (36i) e (37ii), não dependente de sua marcação temática, mas sim de sua posição sintática. Siewierska mostrou que o SN *ibarnwa* em (36ii) se cliticiza e relativiza como um Objeto Direto, apresentando evidências adicionais de que, de fato, é um Objeto Direto.

Em contrapartida, os dados empíricos são sempre favoráveis à propriedade de detematização, que deve ser postulada como a propriedade formal universal das passivas, como estruturas que sempre apresentam a posição de Sujeito detematizada. Ela pode ser observada em todas as estruturas categorizadas como passivas, sejam elas passivas analíticas ou passivas pronominais, passivas com verbos transitivos ou intransitivos, passivas com Sujeito derivado ou com Sujeito pleonástico. E, como nesta análise, a propriedade formal básica das passivas é também sua função primordial, existe, na verdade, uma correlação bastante estreita e desejável entre forma e função em tais estruturas, ou uma relação biunívoca entre a propriedade formal característica e sua função universal.

4. Conclusão

Nesta proposta alternativa, as construções passivas do português e do inglês manifestam como função básica a detematização do Sujeito/AGENTE. Essa função detematizadora inclui não apenas a detematização por meio da omissão do AGENTE, mas também a detematização por meio da recodificação do AGENTE, seja realizado por um sintagma preposicional em posição de foco sentencial, seja realizado pelo clítico pronominal nas construções mediais. Uma segunda função das passivas constata

da nas duas línguas analisadas foi a função tematizadora, ilustrada nas passivas em que um não AGENTE é promovido para a posição inicial, temática.

A função de detematização, proposta como função básica das passivas do português e do inglês, foi corróborada por uma análise quantitativa em diferentes textos escritos em ambas as línguas. A principal consequência da função de detematização proposta evidenciou-se pela omissão do AGENTE, conforme atestado pela alta porcentagem de passivas sem AGENTE codificada nas duas línguas analisadas, muito embora nem o português nem o inglês exijam uma supressão obrigatória do AGENTE, como é comum em várias línguas.

A função de detematização foi igualmente apoiada por evidências translinguísticas, ao contrário de outras funções postuladas, o que demonstra que ela é, realmente, a função universal das passivas, válida para todas as línguas.

Como as análises formais recentes têm mostrado que a propriedade estrutural característica das passivas é a de detematização da posição do Sujeito, as evidências formais não so apoiam a análise funcional postulada, mas, sobretudo mostram que há, na verdade, uma relação forte entre o papel funcional do processo de apassivação e suas propriedades estruturais.

NOTAS

1. Para demonstrar que as variáveis da Tabela são independentes, ou seja, que os tipos de textos analisados não influem nas porcentagens das passivas encontradas, foi aplicado o teste estatístico do x^2 (quiquadrado). O teste mediu a significância das percentagens que separavam o uso das passivas com AGENTE e sem AGENTE nesses dois grupos de textos, considerando-se 3.84 como a média de relevância do x^2 , no nível 0.05 (5 chances em 100 de que os resultados sejam acidentais). Como os valores obtidos foram inferiores ao da média, isto é, 0.33 para o português,

- e 3.12 para o inglês, podemos concluir que as diferenças percentuais da tabela não são significativas.
2. Aplicado o teste do χ^2 , foram obtidos os valores 0.63 e 0.10, para o português e o inglês, respectivamente. Como os resultados são inferiores à média de relevância (3.84), o teste mostrou novamente que as variáveis são independentes, ou seja, o tipo de texto não tem influência sobre as diferentes distribuições de passivas com Sujeito Lexical e passivas com Sujeito Pleonástico, nas duas línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLETTI, A. (1982) Morphological passive and pro-drop: the impersonal construction in Italian. *Journal of Linguistic Research* 2: 1-34
- BENNETT, T. (1977) Verb voice in unplanned and planned narratives. In: Keenan, E.O. e Bennett, T. (orgs.), *Discourse across Time and Space*. Southern California Occasional Papers in Linguistics 5: University of Southern California.
- BEVER, T. (1970) The cognitive basis for linguistic structures. In: Hayes, J.R. (org), *Cognition and the Development of Language*. New York: Wiley.
- BORER, H. (1986) I - Subjects *Linguistic Inquiry* 17 (3).
- BURZIO, L. (1981) *Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries*. Tese de Doutorado. M.I.T.
- COMRIE, B. (1977) In defense of spontaneous demotion: the impersonal passive. In: Cole, P. e Sadock, J. (orgs.), *Syntax and Semantics*, 8:47-58 Academic Press, New York.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht
- DANES, F. (1979) Functional sentence perspective and the organization of the text. In: Danes, F. (org.), *Papers on Funcional Sentence Perspective*. Mouton: The Hague.
- DUARTE, Y.C.M.A. (1987) *As Construções Passivas do Português e do Inglês: Um Estudo Comparativo*. Tese de Doutorado PUC - São Paulo

- DUSKOVÁ, L. (1971) On Some functional and stylistic aspects of the passive voice in present-day English. *Philologica Pragensia* 14: 117-43
- FIRBAS, J. (1964) On defining the theme in functional sentence analysis. *Travaux Linguistiques de Prague* 1: 267-80.
- FOLEY, W. e VALIN, R. (1984) *Functional Sytax and Universal Grammar* Cambridge University Press: Cambridge.
- GIVÓN, T. (1979) *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- GUÉRON, J. (1980) On the syntax and semantics of PP extraposition. *Linguistic Inquiry* 11(4): 637-78
- HAIMAN, J. (1976) Agentless sentences. *Foundations of Language* 14
- HALLIDAY, M.K. (1970) Language structure and language function. In: Lyons, J. (org.) *New Horizons in Linguistics*. New York: Penguin.
- _____ (1976) Functions and universals of language. In: Kress, G. (org.) *Halliday: System and Function in Language*. Oxford: Oxford University Press.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- JAEGGLI, O. (1986) Passive. *Linguistic Inquiry* 17(4): 587-622.
- JESPERSEN, O. (1924) *The Philosophy of Grammar*. New York: Norton.
- KEENAN, E. (1975) Some universals of passive in relational grammar. *Papers from the 11th Regional Meeting*. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- KHRAKOVSKY, V.S. (1975) Passive constructions. In: Kiefer, F. (org.) *Trends in Soviet Theoretical Linguistics*. Dordrecht: Reidel.
- KRZESZOWSKI, T.P. (1981) Quantitative contrastive analysis. *Studia Linguistica* 35 (1-2).
- LI, C. e THOMPSON, S. (1976) Subject and topic: a new typology of language. In: Li, C. (org.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press.
- LYONS, J. (1977) *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

- MATHESIUS, V. (1964) On linguistic characterology
In: Vacheck, J. (org.) *A Prague School Reader in Linguistics*. Bloomington: Indiana University Press.
- NICHOLS, J. (1979) Syntax and pragmatics in Manchu-Tungus languages In: Clyne, P. (org) *The Elements: a Parasession on Linguistic Units and Levels*, pp 420-28. Chicago Linguistic Society.
- PERLMUTTER, D. e POSTAL, P. (1977) "Toward a universal characterization of passive" *Papers From the 3rd Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley.
- _____ (1984) Impersonal passives and some relational laws . In: Perlmutter, D. e Rosen, C. (org.). *Studies in Relational Grammar*, 2. Chicago: University of Chicago Press.
- SIEWIERSKA, A. (1984) *The Passive: Comparative Linguistic Analysis*. Londres: Croom Helm.
- SHIBATANI, M. (1985) Passives and related constructions" *Language* , 61 (4), 821-47.
- SOBIN, N. (1985) Case assignment in Ukrainian morphological passive constructions *Linguistic Inquiry*, 16(4): 649-62
- STEIN, G. (1979) *Studies in the Functions of the Passive*, Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- SVARTVIK, J. *On Voice in the English Verb*
The Hague: Mouton.
- TOPPING, D. (1979) *Chamorro Reference Grammar*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- TURNER, G.W. (1962) The passive construction in English scientific writing *AUMLA* 18:181-97
- WARBURTON, I. (1975) The passive in English and Greek" *Foundations of Language*, 13:563-78